

URUPÊS – OS CEM ANOS DUM LIVRO RENOVADOR

Rui Ribeiro

Desde o seu aparecimento, em agosto de 1918, há exatos cem anos, o livro “Urupês”, de Monteiro Lobato, tem suscitado uma profusão de comentários, favoráveis e desfavoráveis, estudos críticos e grande interesse do público leitor. Numa matéria estampada na secção bibliográfica do jornal “O Estado de São Paulo”, em maio de 1919, Sud Menucci manifestou surpresa diante do sucesso da obra, que já alcançara a terceira tiragem em tão pouco tempo, numa época em que outras não costumavam ir além da primeira edição de poucos exemplares. Aliás, o livro avançou o plano literário para o político. Em oração proferida no Teatro Lírico do Rio de Janeiro sobre questão social, Rui Barbosa, fugindo à postura de não massagear o ego de escritores vivos, elogiou o talento do jovem paulista.

Publicada às próprias expensas do autor, que aparecia pela primeira vez sem o disfarce de pseudônimo, a pequena brochura reunia doze contos e o texto que lhe dera nome, por ter sido o inspirador de sua concepção. Isso porém não significa que tenham sido escritos a partir da polémica repercussão causada pela carta que Lobato enviou ao referido periódico, em 12 de novembro de 1914, publicada com destaque, como se fosse artigo, na qual denunciava as queimadas provocadas por caboclos em propriedades rurais, destruindo pastagens, culturas e vegetações nativas. As histórias remontam ao período em que o autor exerceu a promotoria pública na cidade de Areias, onde lhe sobrava tempo para a literatura, e quando se tornou fazendeiro ao herdar a fazenda Buquira, localizada na serra da Mantiqueira. Pelo contato direto mantido, comprovou que os caipiras nada tinham da figura romantizada por escritores. Eram na realidade seres indolentes dominados pelo fatalismo do “não paga a pena”, verdadeiro “urupê do pau podre que vegeta no sombrio da mata”. Ao meditar mais tarde sobre o problema, concluiu que a apatia decorria de doenças e

que, se curado, o Jeca Tatu, como o apelidou, poderia recuperar o lugar que lhe cabia. Assim, no preâmbulo do livro, pede-lhes perdão, reconhecendo o erro cometido. Embora direcionada para os interesses comerciais do patrocinador, a história em quadrinhos que Lobato escreveu tempos depois para conhecido laboratório farmacêutico, e distribuída a milhares de clientes, confirma sua convicção sobre a recuperação do caboclo, quando livre das moléstias que o impossibilitam para o trabalho.

O título primitivo previsto para o livro seria “Doze mortes trágicas”, fiel à natureza dos temas desenvolvidos. Sua capa foi desenhada por J. Wasth Rodrigues e as ilustrações são do próprio Lobato, que não assinou, identificando-se apenas como “um curioso sem estudo”. Concluída a impressão, o estreante encontrou método original de promover sua vendagem, acrescentado, a partir daí, nova atividade ao elenco das numerosas ocupações que exerceu – a de editor/distribuidor. Pelo conhecimento que tinha dos deficientes canais de distribuição, composto por poucas livrarias, criou rede própria para a comercialização, através de pequenas firmas independentes. Mediante comissão sobre o preço do exemplar vendido, comerciantes estabelecidos em todos os pontos do território nacional passaram a expor “produtos da inteligência” junto com mercadorias de subsistência, como gêneros alimentícios, remédios e roupas. Graças ao sistema, o pão de farinha e o “pão do espírito” muitas vezes seriam adquiridos numa só compra em um único local. Nada inovadora portanto a técnica de marketing atual de se vender livros em supermercados ou drogarias: há cem anos eles já eram comercializados até em açougues.

Quanto à concepção, “Urupês” renovou em relação aos padrões de então. Resultantes de paciente trabalho artesanal, os contos se impunham pela absoluta originalidade e estilo. Traziam um contista conhecedor da técnica narrativa, com retratos de tipos e paisagens no seu ambiente natural, sem retoques nem molduras. Para Alceu Amoroso de

Lima, o ficcionista iniciante “transfundiu um sangue novo à velha língua portuguesa. Sacode a velha árvore da língua e ao agitar da fronde caem os frutos secos, vigorizam-se os novos e repontam outros”. Na urdidura, os enredos guardam semelhança a “casos” de natureza trágica, cômica ou tragicômica plasmados em moldes literários e enriquecidos com “engenho e arte” pelo escritor. Em linguagem agridoce, que resvala às vezes pelo sarcasmo, cenas chocantes, episódios sangrentos e epílogos sinistros são descritos em tom caricatural por um narrador impassível e frio. Exceção para paisagens e elementos da natureza, como árvores, casebres, rios e montes que revelam o pintor nato, inspirando-lhe a suavidade de aquarelas como, por exemplo “...manhãs embrulhadas num roupão de neblina”, “...orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos”, “...vulto gotejante dalguns angiqueiros marginais...”, em “Colcha de Retalhos”; ou “...rolos de cerração vadia nas grotas...”, “...flechas de capins, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenhos, tecidos a fio de seda...”, em “Bucólica”. Com emoção velada, o escritor se compadece da sorte de animais, como o cachorro “Brinquinho”, de “A vingança da peroba”, o macabro “Mirimbico”, de “O Bocatorta”, e a égua calamitosa do estafeta de “Um suplício moderno”.

Apesar do posicionamento contrário à pintura vanguardista de Anita Malfatti e de não ter aderido à Semana de Arte Moderna, foi com Monteiro Lobato que a renovação nas letras teve de fato seu impulso básico, confessaria Oswald de Andrade, um dos participantes do movimento. O editor revolucionário que impulsionou a produção e distribuição de livros seria também o responsável direto pela revelação de muitos talentos desconhecidos, por adotar o lema inusitado de dar prioridade à publicação de novos autores – “tendrons e brotos”, como dizia. As múltiplas atividades empresariais e as campanhas patrióticas em que se envolveu mataram o ficcionista, como acontece num de seus contos mais impressionantes, intitulado “O mata-pau”, em que hu-



milde liana se transforma em tronco pujante, subjugando a árvore que a colheu.

Em 1931, o pioneirismo do autor o levou ao campo da literatura infantil com “A menina do narizinho arrebitado”. O propósito de se dedicar ao gênero já fora antecipado em carta ao amigo Godofredo Rangel (“Ando com ideia de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bicho sem graça. Mas para criança um livro é todo um mundo.”). Com esse objetivo lançou-se com afinco à tarefa, deixando legado imenso de obras em que dialoga com o público mirim através de personagens irreverentes e irrequitos, que transmitem seus questionamentos, esperanças e alertas sobre problemas ainda persistentes nos dias atuais, como a defesa do meio-ambiente e dos recursos energéticos.

O sucesso da literatura infantil de Monteiro Lobato supera o daquela dirigida aos adultos, onde estão os livros de contos “Negrinha”, “Cidades mortas” e “O macaco que se fez homem”, que são os irmãos mais moços de “Urupês”.

Rui Ribeiro é escritor e crítico literário. Autor de *Notas de realejo, estudos sobre literatura e MPB, entre outros livros.*

Patrimônio da Humanidade

Rosani Abou Adal

No evento comemorativo aos 25 anos de fundação do *Linguagem Viva*, realizado no dia 29 de setembro de 2014, no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, Audálio Dantas esteve presente e falou da importância do jornal ao longo dos 25 anos de história.

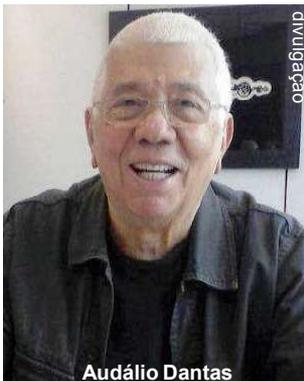
O evento contou com apoio do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, da Associação Brasileira de Imprensa, do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, do Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo e da Vinícola Aurora.

Lembro que ao anunciar o amigo, jornalista e ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas, disse que Audálio Dantas era patrimônio da humanidade. Reafirmo tais palavras pelo seu trabalho em prol da democracia, pela sua importância como jornalista, escritor e ser humano, pela sua oposição ao regime militar, pela sua coragem em denunciar a morte de Vladimir Herzog como assassinato e pela sua valiosa contribuição à Cultura e às Letras brasileiras.

Tive o privilégio de conviver com Audálio quando trabalhei na secretaria da UBE. Ele exercia o cargo de 2º vice-presidente. Visitava com frequência sua residência para levar documentos e era muito bem recebida por ele e sua família. Educação, companheirismo, coragem e respeito, palavras que fazem jus ao título de patrimônio da humanidade.

Sem mais palavras, deixo meu carinho, admiração e fraternal abraço à Vanira Kunc, companheira e esposa do saudoso Audálio, que sempre me recebeu bem em sua casa.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. www.poetarosani.com.br



Audálio Dantas

Darcy Ribeiro

Emanuel Medeiros Vieira

“Fracassei em tudo o que fiz. Quis uma escola para os índios, e fracassei. Quis um país mais justo, e fracassei. Quis fundar uma universidade de qualidade e fracassei. Mas meus fracassos são minhas vitórias. Não estaria de estar no lugar dos vencedores.”
Darcy Ribeiro (1922-1997)

Internalizando fundamento denso e tocante inventário do mestre Darcy, fico pensando o que significam “sucesso” e “fracasso”.

É claro que eu e muitos amigos da minha geração (ou de anteriores ou posteriores) não gostaríamos de estar do lado desses vencedores.

Não monumentalizando minha geração (segmentos da parte mais consciente dela, a que tinha 20 anos em 1964 - 20 anos como data simbólica, rito de passagem), creio que, apesar de seus equívocos, foi uma das mais generosas da História do Brasil. Não falo por mim. Falo pelos outros.

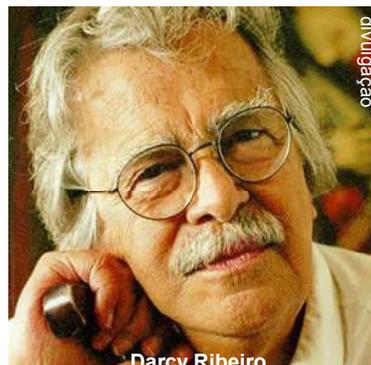
Sucesso? No modelo capitalista e mercantil, sucesso é ganhar muito dinheiro, mesmo às custas do sofrimento alheio, ter cartão de crédito polpudo e, muitas vezes, ser asperamente individualista, cruel e puxar o tapete alheio para subir.

Isso é “vitória”.

Vitória? Não há derrota humana maior que essa.

Quem conhece a gênese da UnB, fundada por Darcy e outros grandes brasileiros, perceberá que não houve projeto de universidade mais generoso, altamente capacitado, ecumênico, autêntico e profundamente enraizado nos sonhos maiores do povo brasileiro.

Não conheço projeto de universidade tão integral (“universal”



Darcy Ribeiro

mesmo) em nossa América Latina.

Lógico: o “chega-para-lá” dado na gente pelos golpistas de 64 devastou o sonho.

Voltando do exílio, depois de anos de anos de conquistas internas, mas de muito sofrimento, Darcy diria que “sua filha (a UnB) havia caído na vida”.

Se ela caiu na vida, não caiu sozinha.

A degradação da universidade brasileira foi ampla, total e irrestrita.

Sem exagero, o nosso curso clássico (segundo grau) com os jesuítas, era infinitamente mais profundo e melhor do que alguns cursos de pós-graduação.

O que acaba com a auto-estima de um povo é a falta de conhecimento e a ignorância.

Além da falta de fibra.

Infelizmente, as pessoas têm lido muito pouco.

A violência banalizada em todos os lugares, nas escolas, o império do tráfico, a falência da comunicação entre pais e filhos, o sonho de ser modelo ou atriz de TV, vai gerando uma sociedade de sonâmbulos morais. Ah, querido Darcy. Se todos os brasileiros “fracassassem” como tu, o Brasil seria melhor.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavier

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

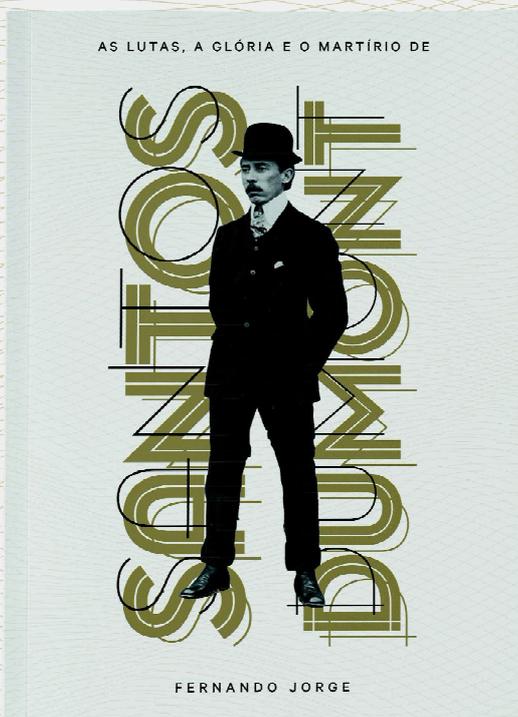
Rosani Abou Adal

**Poemas traduzidos para o francês,
inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.**

www.poetarosani.com.br

O GÊNIO QUE DEU ASAS AO HOMEM

EM AS LUTAS, A GLÓRIA E O MARTÍRIO DE SANTOS DUMONT, O RESPEITADO AUTOR FERNANDO JORGE, VENCEDOR DE UM PRÊMIO JABUTI, RECONSTRÓI A VIDA, A OBRA E AS IDEIAS VANGUARDISTAS DO GENIAL INVENTOR MINEIRO DE FORMA ÍMPAR. BASEADA EM EXTENSA PESQUISA E REPLETA DE BELAS FOTOGRAFIAS HISTÓRICAS, ESTA É A BIOGRAFIA DEFINITIVA DE UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO.

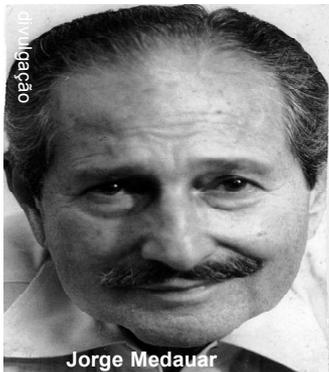


512 PÁGINAS
HARPERCOLLINS
1ª (15 DE MARÇO DE 2018)
ISBN: 978-859-508-27-17



Eu, Medauar, Drummond e o Poeta Louco

Fernando Jorge



Jorge Medauar

Fui amigo, e me orgulho disso, do Jorge Medauar, membro da Academia de Letras de Ilhéus, professor de propaganda e comunicação, na cidade de São Paulo, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Ele é o autor de *Água preta*, saboroso livro de contos onde descreve a vida no sul da Bahia; da novela *A procissão e os porcos*, cheia de lances pitorescos; de *Chuva sobre a tua semente*, volume de poesias repletas de denso lirismo. Medauar era um escritor de talento, pequeno apenas no físico, mas grande pelo seu caráter, pelo seu coração e pela sua inteligência. Uma fraternal amizade nos uniu. Tudo que acontecia na sua vida, ele contava a mim. Lembro-me bem, após o início de um ano novo, o Jorge Medauar me confessou:

- Fernando, passei por um sério apuro, nas vésperas do Natal. Eu fiquei sozinho no meu lar, quando a minha família se achava em Santos. Às onze horas da noite, a campainha da porta de entrada da casa tocou fortemente. Fui atender, era um poeta louco que frequentava a sede da União Brasileira de Escritores, um fulano alto, musculoso, cabeludo, de olhar alucinado, olhar de doido mesmo. A contragosto, eu o fiz entrar em minha casa, naquela hora avançada da noite. Foi um erro, arrependi-me depois. Ele se sentou junto de mim, sacou uma faca comprida, pontuda, e garantiu que a enterraria no meu coração, se eu não lhe desse trezentos cruzeiros. Após me matar, iria suicidar-se com a faca.

Medauar parou de falar, emocionado. Eu comentei:

- Incrível, que monstro!
Ele respondeu:
_ Um monstro louco. Suei frio, vi a morte de perto.

- E aí, o que você fez?
- Por sorte eu tinha os trezentos cruzeiros em casa e os entreguei logo ao monstro. Ele se ergueu, abraçou-me e me besuntou o rosto com um beijo gosmento. E disse, antes de ir embora: amo você com um filho ama o seu pai.

Todas as vezes que o Jorge Medauar narra este episódio, a emoção se apoderava dele.

Dois meses depois, eu, Fernando Jorge, fui ao Rio de Janeiro, e no período da manhã encontrei o meu querido amigo na avenida Rio Branco. Alegres, marcamos um jantar no restaurante Lamas, perto do Largo do Machado, porém, de repente, o Medauar empalideceu. Pensei que ele estava se sentindo mal:

- Você não está bem?
O meu amigo sussurrou:
- Fernando, o monstro me viu, ele vem em nossa direção!
- Quem?
- O monstro da faca, o monstro que quis me matar!

Apareceu então em nossa frente um sujeito cabeludo, fedorento, de estatura elevada, olhos esbugalhados, porte atlético, que berrou:
- Medauar, meu irmão, meu chapa!

E o fulano abraçou o trêmulo e apavorado escritor baiano. Olhando para mim com desprezo, o energúmeno quis saber quem eu era. Branco um mármore da ilha de Paros, a gaguejar, o meu amigo balbuciou algumas palavras.

Andamos juntos, os três, pela avenida Rio Branco. Surgiu diante de nós, na esquina da rua do Ouvidor, a figura esguia de Carlos Drummond de Andrade. O poeta parou, a fim de nos cumprimentar. E o Medauar, muito sem jeito, nervoso, ofegante, teve de apresentar o possesso ao Drummond. Quando ouviu este nome, o monstro indagou:

- Drummond? Você é o Carlos Drummond de Andrade?

O poeta confirmou com a cabeça.

- Cara - rosnou o desvairado - tu é muito feio, tu parece um aborto, uma assombração. Como tu é

feio, cara!

Eu e o Medauar ficamos horrorizados. O monstro prosseguiu:

- Você, seu Drummond, é feio como Belzebu, o chefe dos demônios. Dou-lhe um conselho de graça: não saia de casa, você assusta todo mundo, pois é o homem mais feio que já vi! Juro, você é um monstro!

Em seguida, após limpar o nariz com sua mão esquerda, do qual saía uma baba reluzente, ele acrescentou:

- Ouça, não fique com inveja, eu, como poeta, sou mil vezes superior a você, porque escrevi o poema "Linda prostituta sífilítica, tu és a minha paixão."

Impassível, sem revelar na fisionomia qualquer contrariedade, o poeta se despediu, foi embora. E o Medauar diante do animal, não se conteve:

- Por que você fez isto?

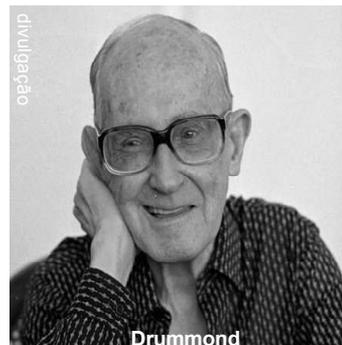
Dando uma pancada vigorosa no peito do escritor, que o obrigou a se encolher, o lunático se defendeu:

- Medauar, tu é meu irmão, meu camarada, tu sabe que não minto, o Drummond é mesmo feio pra caramba, parece um monstro!

À noite, eu e o Medauar decidimos ir à presença do poeta mineiro, lá em Copacabana. E o escritor nascido em Ilhéus explicou:

- Viemos aqui, Drummond, só para pedir desculpas, pois não queríamos apresentar a você aquele monstro.

Ao lado de sua carinhosa filha, Maria Julieta, e sempre digno,



Drummond

polido, o nosso inesquecível amigo se limitou a dizer:

- Jorge Medauar e Fernando Jorge, sei o que sentiram hoje de manhã. Vi o sofrimento de vocês, eu compreendo, não se desculpem.

Emocionado, o Medauar contou ao poeta:

- Drummond, este maluco quase me assassinou na véspera do ano novo, com uma facada no coração. Disse que iria me liquidar, se eu não lhe arranjasse trezentos cruzeiros. Me mataria e depois se suicidaria. Felizmente eu tinha o dinheiro e salvei-me.

O poeta respondeu, irônico:

- Espero que ele não queira me matar, por causa da minha feiúra...

Cena final. Decorridos três meses, após esbofetear um padre negro, em que enxergou a materialização do Belzebu, o monstro foi internado num manicômio, onde, segundo me informaram, vivia a declamar o seu poema "Linda prostituta sífilítica, tu és minha paixão."

Fernando Jorge é escritor, jornalista, biógrafo, historiador, crítico e enciclopedista.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Lembranças de Mário Pontes

Dimas Macedo

Conheci Mário Pontes em 1983, “numa expressiva reunião de intelectuais”, no Lunas Bar, Rio de Janeiro, tal como registrei no meu livro *Leitura e Conjuntura* (Fortaleza: Edições Secult, 1984). Na época, eu já o admirava como um dos meus escritores preferidos.

Lembro-me, perfeitamente, dos ferveores daquela agitação, e que eu sentei ao seu lado para ouvir o elogio que ele fazia à produção de Luís-Sérgio Santos, meu editor no suplemento de cultura do *Diário do Nordeste* e que ali se achava presente.

Minha primeira viagem ao Rio de Janeiro, naquele ano de 1983, se fazia pelas mãos de Roberto Pontes e a acolhida generosa de Pedro Lyra e de Normanda, em cujo apartamento nos instalamos para conferir a I Bienal Internacional do Livro, representantes que éramos, Roberto Pontes, Luís-Sérgio e eu, da Associação Profissional dos Escritores do Ceará.

Visitando, na oportunidade, a Editora Antares, fomos presenteados com o livro *Celebrações do Outro* (1983), de Ana Miranda, e com o romance *O Coração é um Caçador Solitário*, de Carson McCullers, sobre o qual Mário Pontes tinha escrito uma resenha elogiosa.

Editor do suplemento literário do *Jornal do Brasil*, e antigo jornalista em Fortaleza, onde publicou o seu primeiro livro (*Brevidade*, 1966) e ajudou a cozinhar a edição de vários jornais, Mário Pontes já era, na época em que o conheci, o autor de *Milagre na Salina* (Rio: Ed. Brasília, 1977) e dos ensaios sobre literatura de cordel reunidos em *Doce Como o Diabo* (Rio: Codecri, 1979).

Entre os livros de Mário, destacam-se o romance *Ninguém Ama os Naufragos* (Rio: Nova Fronteira, 1981), a novela *Chora Violão* (1985) e os contos de *Andante Com Morte* (Rio: Bertrand Brasil, 1999), não esquecendo, aqui, a sua dimensão de tradutor e o fato de que incluí o seu nome no meu livro *Crítica Imperfeita* (Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001), entre os escritores que ilustraram o Ceará para além das suas fronteiras.

Em outubro de 2003, vinte anos após o nosso encontro no Rio de Janeiro, percebi que Mário Pontes continuava muito próximo de

mim. Preparando-me, então, para viajar a São Luís, o poeta Natalício Barroso pediu-me que levasse comigo o novo livro de Mário, *Um Homem Chamado Noel* (Fortaleza: Funcet, 2003), com a sugestão de que eu escrevesse as minhas impressões de leitura.

Recolhido nos moinhos de vento da Praia do Calhau, em São Luís do Maranhão, eu comecei a pensar, seriamente, no que é glória de ser escritor, fui lendo preguiçosamente os contos do Mário e não fazendo nenhuma anotação. Limitando-me a ouvir uma voz, a de Lucas, que me encantou desde o primeiro texto do livro, com suas estórias e as suas insinuações.

Em cada uma das narrativas do volume, percebi a voz onisciente de Lucas, e traços da personalidade do autor, ora como testemunha, ora como narrador, mas no geral e fundamentalmente, como estrutura polifônica da escritura literária de Mário.

Nos contos reunidos em *Um Homem Chamado Noel*, segundo o seu editor, “o leitor encontrará algumas figuras curiosas, como o patético ancião que fez de seu velho automóvel um jardim suspenso e festeja o 7 de Setembro percorrendo a cidade no lombo de um pangaré, empunhando uma bandeira que desafia todas as leis da heráldica; a mascote de um time de futebol com quem o destino foi particularmente impiedoso; o soturno Noel, que vive de glórias irrecuperáveis”.

Nesse precioso livro de Mário, de alguma maneira, encontro o fechamento de uma certa intenção literária que o autor semeou em *Milagre na Salina*, pois que em ambos se guardam um fio condutor das narrativas e uma mesma unidade morfológica, elementos que se projetam, às vezes, na sua estrutura estilística e na sua densidade semântica.

Claro que se trata de um livro de contos, sem nenhuma dúvida. Contos com a melhor técnica da história curta. *Um Homem Chamado Noel*, contudo, pode ser lido também como um romance. O romance de Lucas, possivelmente um *alterego* do autor, que se reparte entre os muitos apelos da memória e os Fios de Ariadne da escritura literária.

Uma teia de fragmentos que se unificam, contraditoriamente, em face do desenho da letra e da escrita polifônica de Lucas. Estórias



Mário Pontes

que vão desde a descoberta do mundo do personagem principal de *Um Homem Chamado Noel*, até o limite maduro da condição humana com que se defronta o narrador no último texto do volume.

Um poema? Talvez. Possivelmente um gênero ou qualquer coisa de corte literário elevado (e refinado) com o qual venha o leitor a se satisfazer. Pois a literatura, quando muito pouco, é fundamentalmente isto: entretenimento e representação; e quando muito grande, como aquela que nesse livro se lerá, é tudo o que acima falei e muito mais: é aquilo que se faz com as formas da estética, para que as linhas da estética se façam os fios da memória e o tecido maduro da arte literária.

Hoje, passados trinta e cinco anos, percebo que Mário Pontes continua vivo como romancista; que Pedro Lyra se tornou um dos ícones da sua geração; e que Luís-Sérgio Santos e Roberto Pontes se edificaram na literatura como dois escritores de talento: o primeiro, como editor e ensaísta; e o segundo como um dos maiores poetas do Brasil.

Dimas Macedo é escritor, poeta, jurista, crítico, professor universitário e membro da Academia Cearense de Letras.

Cortina de Teatro

Raquel Naveira

Cortina de teatro,
Pesada,
De veludo vermelho,
Se tocarmos suas bordas
Sentiremos, ao mesmo tempo,
Ardor de brasas
E frieza de rio que rola,
Vapores,
Mistérios de neblina.

No palco,
A representação do mundo,
As estrelas imperecíveis,
As salamandras e os anjos,
A verdade e o drama,
O choro e a libertação,
O crepitar da chama.

Na plateia,
O espectador se projeta,
Compartilha sentimentos,
Acompanha movimentos,
Expressões de paixão;
Os atores são seres mutantes,
Instáveis,
Enquadrados pela cortina
Incendiada de ouro e platina.

Vem o alívio,
Madeiras mortas
Foram cortadas
E queimam na alma;
Fecha-se a cortina,
Nossos complexos se retorcem
No fogo da faxina.

Raquel Naveira é doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

AUSÊNCIA INFINITA

Rita de Cássia

Ausência dos sons do violino
na hora do ângelus.
Dos sons do repique,
tamborins e cuícas
no desfile da escola de samba.

Ausência dos arrulhos
das minhas crianças,
algazarra, brincadeiras
dos filmes na TV, Mágico de OZ,
Sítio do Pica- Pau Amarelo,
Alice no País das Maravilhas
e tantos outros.

Ausência das flores recém nascidas,
papoulas vermelhas floridas,

silêncio nas tardes domingueiras...
Falta o colo materno,
o ombro carinhoso do pai.

Ausência de tudo que faz sonhar,
esperar para o amanhecer
brilhante de luz, sem agouros,
sem desesperança.



Rosani Abou Adal, Caio Porfirio Carneiro,
Rita de Cássia e Maria de Lourdes Alba.

Adeus, Rita de Cássia.

Rita de Cássia (Rita de Cássia Fernandes Guedes de Araújo), poeta e escritora, faleceu no dia 5 de junho, em Fortaleza (CE).

Nasceu em 15 de janeiro de 1941, em Canindé (CE).

Membro da Academia Fortalezense de Letras e vice-presidenta da Sociedade Amigas do Livro.

Trabalhou como operadora de sistemas e técnica da Universidade Federal do Ceará.

Autora de *Cores*, *Essência*, *Ungentos*, *Cartas e Poemas do Anjo da Guarda*, *Mulher e Terra*, *Manga Madura*, *Por detrás das gavetas*, *Cajueiro florido* e *Sementes*.

O Jardim

Yara Oliveira

Certo dia, distraída
Deixei cair sobre um papel
As cores que eu trazia
Na ponta de um pincel
Empolgada com o efeito
Dessas cores misturadas
Deixei cair também a palheta
Com as tintas bem mescladas.
Ai...fiz dos dedos meus pincéis
E pincelei vários papéis!
Cores novas surgiam a cada instante
Primárias, secundárias, terciárias e...
Numa mistura quase sem fim
Elas formaram um imenso jardim.
Motivada pela bela experiência
Quis ainda fazer mais e...
Do pincel fiz a caneta e
Num ritmo quase frenético
Fui escrevendo palavra após palavra
Entre as cores do jardim.
E como num encantamento
Brotaram rosas, cravos, jasmims,
Lírios, margaridas, capins.
Também o sol, a lua, as estrelas,
O firmamento...
Um mundo, enfim!
Completando todos eles
A beleza do meu jardim.
E eu...quase sem entender
Ou entendendo muito pouco
Vi o sol imenso brilhando...
Vi pássaros e borboletas pousando
Vi flores se perfumando...
Sobre a verde relva do jardim.
E...de mansinho veio chegando a noite
Estendendo seu negro manto
Envolvendo também a mim
Pois ela há tempos sabia
Que eu era a dona do jardim.
E assim, aconchegados, adormecemos
Naquela noite, no outro dia
Eu abraçada a ele
E ele abraçado a mim.

Yara Oliveira é escritora, poeta e membro
da Associação dos Escritores de
Passos e Região.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -
Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294
soninhaabou@gmail.com

PASSADO

Maria de Lourdes Alba

Os velhos poemas
Que se perderam no passado
Não contam mais fatos
Só passado

Não mostram as dores
Os amores os sentimentos
São passado

Que se esvaiu
Que se apagou
Além de um tempo passado
Passado

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta,
jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

AMÊNDOAS

Carlos Pessoa Rosa

costuro amêndoas
na esperança do silêncio
nos grandes lábios do vento
que assim o orgasmo
: um voo pelos poros do aço

Carlos Pessoa Rosa é escritor, poeta,
médico e editor do Meio Tom.
<http://www.meiotom.art.br/>

VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

Livraria Asabeca - www.asabeca.com.br -
Link direto: http://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&fnurl=_VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpcFXyuM8
Livraria Cultura - www.livrariacultura.com.br
Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-chronicas/viva-o-brasil-46412605>
Livraria Martins Fontes Paulista -
www.martinsfontespaulista.com.br
Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx/p>
Cia dos Livros -
www.ciadoslivros.com.br - Link
direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



Poema do eterno

Alcides Buss

Em minha vida
há um espaço reservado
para você;
esse espaço
é toda a minha vida!

Alcides Buss é escritor, poeta e professor universitário aposentado. Exerceu o cargo de diretor da Editora da UFSC e de presidente da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina e da Associação Brasileira das Editoras Universitárias.

Nelly Novaes Coelho

Joana Baraúna

No clarear do dia os pássaros cantam poeticamente
Eleva a saúde de um dia de Fé...
Livro espalha luz pelas mentes e pelos corações
Lentamente a vida vai se transformando
Yes, ela é a Profª Drª Nelly Novaes Coelho.

Na caminhada do viver
Orgulhosamente o ensino é o princípio básico da vida
Valor supremo para um País
Alta evolução cultural e educacional, grandeza do mundo
Eterna força do saber
Semente imortal da cultura e da educação

Conhecimento poético da poesia universal
Orgulho de todo o Ser
Eterna história de um povo
Livraria universal de sensibilidade e Amor
Húmus imortal...
O teu sangue e teu sentimento enriquecem os corações e as mentes.

Joana Baraúna é poeta, escritora e artista visual.

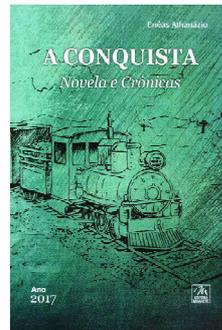
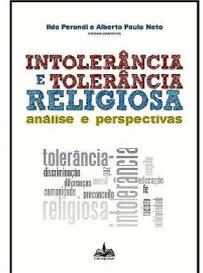
Livros

INTOLERÂNCIA E TOLERÂNCIA RELIGIOSA – Análise e perspectivas, obra organizada por Ildo Perondi e Alberto Paulo Neto, Edições Fons Sapientiae, selo editorial da Distribuidora Loyola, 184 páginas, São Paulo (SP).

A obra que é resultado do trabalho do Grupo de Pesquisa em Teologia e Sociedade – GETEO – do Curso de Teologia da PUCPR (Campus Londrina).

Participam da coletânea: Alberto Paulo Neto, Alfredo Rafael Belinato Barreto, Altair Manieri, Ângela Maria Pellizer de Arruda, Fabrizio Zandonadi Catenassi, Gelson Luiz Mikuszka, Ildo Perondi, José Rafael Solano Duran, Lino Batista de Oliveira, Rogério Goldoni Silveira, Sueli Almeida de Oliveira e Vicente Artuso.

Edições Fons Sapientiae: www.fonssapientiae.com.br



A Conquista - Novelas e Crônicas, Enéas Athanázio, Editora Minarete, Balneário Camboriú (SC), 110 páginas.

O autor é escritor, advogado e Promotor de Justiça aposentado. Tem 50 livros e 14 opúsculos publicados. É colunista da revista *Blumenau em Cadernos*, do *Jornal Página 3* e do site *Coorjonal - Revista Rio Total*.

Segundo Patrícia Ribas Athanázio Hruschka, “A leitura de *A Conquista* ratifica os elogiosos comentários da crítica literária a respeito de Enéas Athanázio, demonstrando a qualidade da produção literária do autor.”

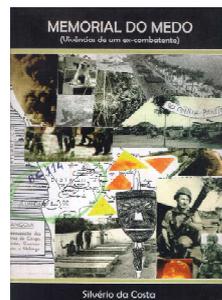
Enéas Athanázio: e.atha@terra.com.br

Mulher Obliqua, poemas de Beatriz Alcântara, Fundação Waldemar Alcântara, Fortaleza (CE), 112 páginas.

A autora é poeta, escritora, mestra em Literatura pela UnB e conselheira da Academia Cearense de Letras.

Segundo Sânzio de Azevedo, “Não se trata de um livro monocórdico, em que todos os textos têm a mesma medida ou tratam do mesmo tema. Não. Aqui há poemas breves e de versos curtos; outros, de versos curtos, se alongam mais; e há também aqueles longos e de versos com maior número de sílabas. Quanto aos temas, vão de leveza de uma descrição graciosa ao peso de uma reflexão sobre a morte.”

Fundação Waldemar Alcântara: www.fwa.org.br

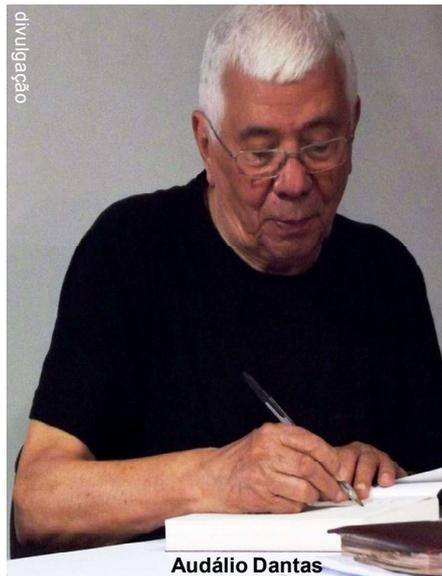


Memorial do Medo (Vivências de um ex-combatente), de Silvério da Costa, edição do autor, Chapecó (RS), 226 páginas.

O autor, escritor e poeta, exerceu os cargos de vice-presidente da União Brasileira de Escritores, seção Santa Catarina, diretor de Turismo de Chapecó e de presidente do Conselho Municipal de Cultura de Chapecó. Tem trabalhos traduzidos para o espanhol, francês, inglês, italiano, esperanto, grego, russo e chinês.

Segundo João Arrais do Nascimento, “*Memorial do Medo* é um romance que mostra, não só os fatos, mas também as fragilidades e as pungências do soldado engajado numa guerra, tendo como fio condutor o medo. Sente-se que era difícil a convivência com os medos que se acoitavam no seu íntimo, como se fosse parte dele.”

Silvério da Costa: Caixa Postal 262 - Chapecó - SC - 89802-900..



Audálio Dantas

Audálio Dantas, escritor, repórter e jornalista, faleceu, no dia 30 de maio, em São Paulo. O velório foi realizado no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. Nasceu em Tanque d'Arca (AL), em 8 de julho de 1929.

Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo de 1975 a 1978 e denunciou o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, nos porões do DOI-CODI.

Exerceu o cargo de presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (primeiro eleito por voto direto), de vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, de presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e do Conselho Curador da Fundação Cásper Libero e de conselheiro e vice-presidente da União Brasileira de Escritores. Foi eleito deputado federal, pelo extinto Movimento Democrático Brasileiro - MDB, em 1978.

Trabalhou no jornal *Folha da Manhã*, revista *O Cruzeiro*, da *Quatro Rodas* e como editor da revista *Realidade*. Foi o jornalista que descobriu a escritora Carolina Maria de Jesus, autora do livro *Quarto de Despejo* (1960).

Premiado pela ONU por sua luta em favor dos direitos humanos. Agraciado com o Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio Intelectual do Ano da União Brasileira de Escritores e Prêmio de Kenneth David Kaunda de Humanismo. Recebeu o Título de Cidadão Paulistano da Câmara Municipal e de Jornalista do Ano, pela Associação Nacional Editores Publicações Técnicas Dirigidas Especializadas.

Autor de *Repórteres* (1997), *Graciliano Ramos* (2005), *O Menino Lula – A história do pequeno retirante que chegou à Presidência da República* (2009), *O Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época jornalismo brasileiro* (2012), *A Infância de Ziraldo* (2012), *As Duas Guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil* (2012), entre outras importantes obras.

Notícias

Lilia Moritz Schwarcz, professora titular de Antropologia da USP e Global Scholar na Universidade de Princeton, e **Flávio dos Santos Gomes**, professor da UFRJ, lançaram o *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos* pela Companhia das Letras.

Eduardo Giannetti, escritor, professor, economista e Ph.D. na Universidade de Cambridge, lançou *O elogio do vira-lata* pela Companhia das Letras.

José Paulo Graciotti lançou *Governança Estratégica para Escritórios de Advocacia*, no idioma italiano, no Consulado Brasileiro em Milão.

Germano Almeida, escritor, romancista, contista e advogado, de Cabo Verde, foi laureado com o *Prêmio Camões*. Foi eleito deputado pelo Movimento para a democracia de Cabo Verde, exerceu o cargo de Procurador-Geral da República de Cabo Verde e foi um dos co-fundadores da revista literária *Ponto e Vírgula*. Autor dos romances *O Fiel Defunto* e *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, entre outras importantes obras.

Michel Schlesinger lançou *Diálogos de um rabino*, pela Annablume Editora.

Edgar Teodoro da Cunha, docente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da UNESP em Araraquara, onde coordena o Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance, lançou *Índio Imaginado* pela Editora UNESP. A obra, produto de um projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, analisa a imagem deste grupo em filmes brasileiros produzidos nos anos 70.

Maurício Lyrio, escritor e diplomata, lançou o romance *O imortal* pela Taperá e Companhia das Letras.

A Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, através do Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais, promove a exposição "Luiz Carlos Prestes: Fragmentos... testemunhos presentes em sua linha do tempo" que ficará em cartaz até o dia 9 de julho, de segunda a sexta-feira, das 8 às 17h45, no Piso 5 da BCo, área Norte do Campus São Carlos da UFSCar. A mostra reúne objetos pertencentes a Prestes, militar e político brasileiro que comandou a revolucionária marcha Coluna Prestes entre os anos de 1925 e 1927.

Laura Sandroni, escritora e jornalista, homenageada no aniversário de 50 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no dia 23 de maio, no Auditório Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, foi laureada com o título de presidente emérita da instituição por seus 50 anos de trabalho voluntário pela literatura infantil brasileira. Exerceu o cargo de primeira diretora executiva e faz parte do Conselho Diretor da FNLIJ.

Newman Simões e Douglas Simões relançaram livros e CDs musicais no Recanto do Livro - Lar dos Velhinhos de Piracicaba, no dia 19 de maio, em Piracicaba (SP).

Alberto Dines, escritor, jornalista, crítico, biógrafo e professor universitário, faleceu em 22 de maio, em São Paulo. Nasceu no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1932. Autor de *Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig, Vinculos do fogo – Antônio José da Silva, o Judeu, e outras histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil, Tomo I*, entre outras importantes obras. O livro sobre Stefan Zweig foi adaptado para o cinema por Sylvio Back, em 2002, no filme *Lost Zweig*. Foi agraciado com o Prêmio Maria Moors Cabot de jornalismo, o Prêmio Jabuti e com a Ordem do Mérito das Comunicações, no grau Grã-Cruz.

Celso Lafer, um dos maiores especialistas brasileiros na filósofa alemã, lançou a versão ampliada do livro "Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder" que reúne dez novos textos à edição de 2003, pela Editora Paz e Terra.

A Editora UNESP lançou *Para além da política econômica*, obra organizada por Ricardo Carneiro, Paulo Baltar e Fernando Sarti, disponível em http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788595462571_para-alem-da-politica-economica.

Urda Alice Klueger lançou o romance *No tempo da magia*, pela Editora Hemisfério Sul, com capa de Johnny Kamigashima, usando um quadro de Jean Oriol Sinriehl e uma foto de Vanilda Meister Arnold Policarpo.

A União Brasileira de Escritores está com inscrições abertas, até o dia 30 de junho, para a antologia de poemas *Primeiras Ideias* que será lançada pelo selo UBE. Informações: antologia@ube.com.br.

A União Brasileira de Escritores está lançando a primeira antologia *Contos de amor e dor*, organizada e publicada sob o selo editorial UBE, no dia 20 de junho, quarta, às 19 horas, na Rua Rêgo Freitas, 454 – 6º andar – conjunto 61, em São Paulo.

Sacre Coeur, de Marcia Villaça da Rosa, Editora Essencial, livro, inspirado em viagens que a autora realizou de 1998 a 2003 na Europa, retrata paisagens belgas e francesas.

Mariana Paiva, escritora e jornalista, participará, como mediadora, da mesa "Todas as artes de Hilda Hilst", com Beatriz Azevedo, Donizeti Mazonas e Zeca Baleiro, no Centro de Pesquisa e Formação do SESC SP, no dia 2 de julho, das 19h30 às 21h30, na Rua Dr. Plínio Barreto, 285 - 4º andar, em São Paulo.

A União Brasileira de Escritores RJ - UBE RJ promove a IV REUNIÃO LITERÁRIA UBE RJ 2018, no dia 20 de junho, quarta-feira, às 16 horas, no Instituto Cultural da Sociedade Nacional de Agricultura. Maria Amélia Palladino, Jorge Ventura, Mitiko Yanaga Une serão empossados como membros efetivos. Marina Gutman Tosta Paranhos profere a palestra "O jeito Vinicius de ser".

A ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES - ABRAMES realiza reunião no dia 15 de junho, sexta, às 17 horas, no CREMERJ, para a solenidade de posse de Arlinda Lamego que ocupará a Cadeira Nº 6.